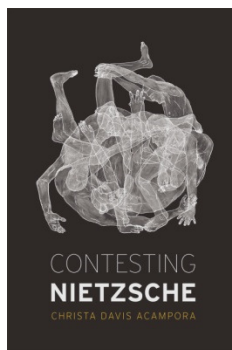


A importância do *agon* no pensamento de Nietzsche

João Kamradt*



ACAMPORA, Christa Davis. *Contesting Nietzsche*. University of Chicago Press, 2013, 259 p.

O papel da competição ou do *agon* na filosofia de Nietzsche vem recebendo nos últimos anos uma atenção cada vez mais significativa dos seus comentadores, principalmente daqueles ligados às teorias políticas. Christa Acampora Davis não é uma teórica da política, mas isso não impediu que ela escrevesse um livro original e instigante, que consegue explorar exaustivamente a reflexão de Nietzsche sobre o *agon* e suas diversas aplicações na filosofia nietzschiana. Acampora começa seu estudo com uma análise do ensaio de Nietzsche chamado “A Competição de Homero”. O estudo é utilizado para demonstrar como Nietzsche enxerga no *agon* uma possibilidade de aumento contínuo da vida produtiva. A ideia principal seria aquela de que dentro de uma competição a busca pela vitória não é necessariamente a mais importante. O que acaba ganhando mais atenção é a contínua intenção do ser continuamente se superar. Ou seja, tão importante quanto vencer é competir pelo interesse de se colocar à prova, de tentar continuamente ultrapassar os próprios limites. Para tanto, o concorrente nunca pode ser destruído, abrindo a possibilidade para que o campo de contestação contínua e da contínua tentativa de superação de si mesmo esteja sempre aberto. Nietzsche encontra essa ideia de competição com o exemplo da Grécia homérica onde o *agon* cria condições para a geração do valor contínuo de superação e permite que “as pessoas forjem ligações significativas entre os indivíduos, grupos e entre as pessoas, a cidade e as poderosas forças de deuses” (p. 50).

* Jornalista formado, é mestrando no curso de Sociologia Política da UFSC. Membro do *Grupo Nietzsche e Teoria Política*, Joinville, SC, Brasil. Contato: joakamradt@gmail.com

Para Nietzsche, a antiguidade grega era um meio para que se possa alcançar a compreensão sobre nós mesmos, para que pudéssemos nos julgar e nos superar. Assim, um dos aspectos que teria despertado mais a atenção de Nietzsche na cultura grega antiga foi o espírito de competição, seja ele no campo político, artístico ou atlético. Christa Davis Acampora argumenta que as reflexões de Nietzsche sobre o *agon* fornecem uma chave para compreender o estilo e a substância de sua filosofia de uma forma mais ampla. Seu estudo perpassa todas as grandes obras nietzschianas, bem como algumas que raramente são discutidas. A tarefa central do livro de Acampora é mostrar como a análise do *agon* de Nietzsche sugere novas respostas a perguntas já feitas inúmeras vezes por outros pensadores. Nesta resenha, pretendo apresentar um breve resumo do projeto de Acampora, assim como também levantar algumas dúvidas sobre suas principais reivindicações interpretativas.

A maior parte do livro de Acampora está organizado em torno das “competições” de Nietzsche, perpassando quatro figuras monumentais da cultura ocidental: Homero, Sócrates, Paulo e Wagner. O objetivo da autora não é fornecer novas leituras das atitudes complexas (e profundamente ambivalentes) dessas figuras, mas sim mostrar como cada uma delas acaba servido como um arquétipo, como um representante de um ideal e de uma visão de mundo com quem Nietzsche luta continuamente no curso de sua própria formação filosófica. Acampora utiliza essa narrativa de desenvolvimento para explorar pontos de vistas sobre o conhecimento, arte e moralidade em Nietzsche, que ela, por sua vez, lê através da lente do *agon*. O próprio título do livro refere-se a um Nietzsche contestador. Em seu texto, ocasionalmente a autora sugere a necessidade de um engajamento crítico dos seus pontos de vista, tarefa que ela não assume neste estudo.

Na introdução, Acampora dá uma visão geral do “agonismo” de Nietzsche, um rótulo que é utilizado em vários pontos de sua obra para se referir ao seguinte: o interesse nietzschiano na disputa como um meio para a criação de valores (p. 3); para mostrar o papel constitutivo da luta e conflito nas teorias nietzschianas metafísicas e psicológicas; e na prática do autor de criar *agons* históricos para avançar no seu desenvolvimento filosófico ao mesmo tempo em que provoca uma contestação semelhante em seus leitores (p. 8). Acampora sugere ainda que entendemos o estilo combativo de Nietzsche escrever como uma forma para alcançar um objetivo cultural superior: é através de suas obras que Nietzsche pretende reavivar a atividade da criação

de valores, que se dava por meio do engajamento agonístico que floresceu na antiguidade grega.

No primeiro capítulo, Acampora configura o estudo de seus quatro principais personagens como uma discussão sobre a análise inicial do *agon* grego de Nietzsche. O ponto de partida de Acampora é o breve ensaio “A Competição de Homero”, presente no livro *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*, que foi apresentado para Cosima Wagner como um presente de Natal em 1872. O argumento central deste ensaio é de que os gregos inventaram o *agon* a fim de redirecionar sua violência, seus instintos destruidores para atividades que fossem culturalmente produtivas. Assim, Nietzsche associa a origem do *agon* a da “boa” Eris de Hesíodo (conflito), que seria a deusa que inspira os sujeitos a uma ambição saudável de tentar superar os outros, elevando-se acima deles através da competição. Antes dessa alternativa do *agon* como uma saída para a luta criativa, os gregos conheciam apenas a Eris “má” – que tinha sede de aniquilação e que procurava destruir seus adversários através de qualquer meio que fosse possível. Na leitura que Acampora faz do significado do *agon* para Nietzsche reside, sobretudo, sua função redentora: a boa Eris “permitiu aos gregos antigos eventualmente direcionar o que havia sido reconhecido enquanto fonte de miséria - o esforço necessário para se engajar na luta diária para sustentar a vida – em um canal que levou à busca por formas mais elevadas de possibilidades humanas” (p. 19). Mas Nietzsche não valoriza o *agon* somente como um caminho para a grandeza individual. Uma competição bem sucedida requer uma comunidade para estabelecer os critérios de excelência, juízes de acordo com as regras e normas que testemunhem a ação e reconheçam e celebrem o vencedor. Por isso, o público em geral também deve se ver afirmado no brilho destas competições. Ao mesmo tempo, os competidores não apenas se destinam a satisfazer as expectativas da sua audiência; eles também se esforçam para estabelecer novos padrões de excelência, à luz das futuras competições em que serão julgados.

Esta observação ao potencial da competição se torna o principal tema do segundo capítulo, que foca na criação do valor. Acampora identifica duas razões principais pelas quais Nietzsche passou a considerar Homero como um agonista exemplar. Em primeiro lugar, na poesia de Homero a visão de mundo pessimista de uma idade mais precoce se transfigura: luta e conflito, embora inevitáveis, são representados pela primeira vez como um caminho para a glória (p. 43). A beleza do

sacrifício heroico torna a existência humana mais desejável do que a vida dos deuses, cuja imortalidade lhes nega a possibilidade de tal heroísmo (p. 52). Em segundo lugar, definindo um novo padrão de realização poética, Homero seria o responsável por inspirar outros a praticarem atos de transfiguração em si mesmos (p. 51).

O resto do capítulo demonstra como Nietzsche se ocupa deste desafio em seu primeiro livro, *O Nascimento da Tragédia*. Acampora apresenta a teoria da tragédia de Nietzsche como uma tentativa de superar a estética apolínea da arte de Homero. No nascimento, ela argumenta, a tragédia é entendida como uma disputa entre as forças do Apolo e Dionísio, em que nenhum dos lados tem a vantagem final. Em sua leitura, Nietzsche “localiza o prazer e o poder da experiência estética na manutenção e sustento de sua oposição tensa ao invés de sua eliminação ou transcendência” (p. 76). Aqui, Acampora se afasta da maioria dos intérpretes que tomam o dionisíaco como o papel predominante no desempenho e no efeito da tragédia.

Os capítulos iniciais demonstram a importância da “Competição de Homero” para a compreensão das primeiras obras de Nietzsche. No entanto, havia dúvidas de como isso seria feito para as obras posteriores do autor. No terceiro capítulo, Acampora explora a tentativa de Nietzsche de revitalizar a disputa entre arte e ciência. Acampora lê o *agon* de Nietzsche com Sócrates principalmente como uma luta sobre o valor de “aparência”: enquanto que a tradição socrática buscava a liberdade das aparências enganadoras, Nietzsche empreendia uma reavaliação do conceito de aparência, que ele vê como uma característica generalizada da cognição humana e até mesmo “parte do empreendimento da verdade” (p. 90). Acampora chama sua concepção alternativa de naturalismo filosófico astuto, a fim de marcar uma espécie de investigação que está consciente das maneiras em que os interesses práticos e estruturas conceituais dão forma à nossa compreensão do mundo. Em sua opinião, Nietzsche leva a sua própria prática filosófica a ter duas grandes vantagens sobre a concorrência. A primeira é epistêmica:

O que se ganha de verdade em abraçar a aparência é o reconhecimento da inventividade da criação de sentido que ocorre na experiência. Ele chama a atenção para o criativo e engenhoso, as dimensões produtivas do pensamento humano que nos ajudar a classificar, organizar e comunicar nossas experiências (pp. 90-91).

Acampora adverte-nos para não ler o aspecto “astuto” do naturalismo de Nietzsche como uma sugestão de “relativismo pernicioso” (p. 94). Ao prestar atenção à inventividade da mente, em vez disso, nós podemos nos engajar mais criticamente para

fazer o sentido do mundo em torno de nós e do nosso lugar e das possibilidades dentro dele (p. 95). Ao mesmo tempo, Nietzsche visa restaurar uma boa consciência para o lado poético da nossa natureza e incentivar a invenção de modelos científicos especulativos que possam tornar a vida em um mundo “pós-cristão” que pareça valer a pena viver. Esta é a vantagem avaliativa do naturalismo astuto. O capítulo termina com dois estudos de caso, a hipótese da vontade de poder (que recebe uma leitura metafísica) e o modelo da alma como uma hierarquia de valores. Acampora sugere que estes são exemplos de como a investigação filosófica pode ser tanto “empiricamente responsável” como de afirmação da vida (p. 98).

Pode-se argumentar que a discussão de Acampora sobre o naturalismo artístico e sua “reunião antecipada da arte e da ciência” (p. 95) dá um peso inadequado para as persistentes dúvidas de Nietzsche sobre o Iluminismo e a fé no valor do conhecimento. Existem inúmeras passagens nas obras iniciais e posteriores que sugerem que Nietzsche não era tão otimista sobre o potencial de investigação racional para apoiar uma avaliação favorável de existência (ver, por exemplo, *Gaia Ciência*, §344; *Genealogia da Moral* III, §§24-25). Dado o tema geral do seu livro, é surpreendente que Acampora não fale mais sobre o conflito entre a afirmação e a “vontade de verdade”, que parece desempenhar um papel mais importante no pensamento de Nietzsche do que o seu incipiente (e, na maior parte, inédita) tentativa de redirecionar a investigação científica sobre o autor. Também não está claro como a leitura de Acampora de seu naturalismo difere de outras interpretações recentes ou o que o naturalismo possui que se desenvolve como uma metodologia filosófica distinta¹. Ela reconhece “a necessidade de identificar as características únicas do naturalismo de Nietzsche” (p. 107), mas o seu livro faz pouco progresso nesse sentido e o leitor fica desejando um tratamento mais sistemático da questão.

O quarto capítulo examina a psicologia moral de Nietzsche através da lente de seu ataque ao cristianismo. De acordo com a grande narrativa de Nietzsche, Paulo mina a função social vital da competição para transformá-la em uma luta puramente pessoal e espiritual (completando a obra que Sócrates tinha começado). Embora essa mudança

¹ Acampora discute brevemente seus pontos de vista em um par de notas de rodapé, concluindo que Nietzsche não acredita que a ciência ou qualquer outra área de investigação ofereça uma perspectiva livre de valores e que não poderia haver um naturalismo puro, como ele e outros pareciam sugerir. Mas não há nenhuma discussão consistente sobre as vantagens relativas (filosóficas ou exegéticas) do naturalismo “puro” versus naturalismo “astuto”.

abra novas possibilidades para o engajamento agonístico, Nietzsche vê uma diferença crucial entre os ideais cristãos gregos e as arcaicas lutas iniciais. Acampora escreve:

A competição espiritualizada do cristianismo visa à destruição do adversário e, assim, é motivada pela destruição da luxúria, mas ele nem sequer realmente distingue inimigo do amigo, uma vez que visa à autodestruição daqueles sobre os quais o poder da fé é exercido apenas tanto quanto ela (fé) busca a destruição dos inimigos do cristianismo... Em suma, Nietzsche pensa que o *agon* cristão incentiva uma forma de luta que desativa, enfraquece e debilita os que emulam a exemplo de luta espiritual que o cristianismo paulino descreve (p. 113).

O *agon* cristão, mais longo, revaloriza a visão homérica da existência mortal através da criação de um padrão – o sofrimento de Cristo (pp. 119-120) –, em comparação com que faz todas as lutas humanas parecerem insignificantes. Acampora lê a competição de Nietzsche com Paulo como a tentativa de transformar o *agon* internalizado do cristianismo em um novo ideal de autossuperação, como vontade de canalizar as tensões da alma moderna em formas “pós-morais” da subjetividade humana.

A meta central do ataque de Nietzsche sobre o cristianismo paulino é a crítica aos conceitos de culpa, responsabilidade e do pecado. No primeiro ensaio da *Genealogia da Moral*, §13, Nietzsche afirma que o nosso hábito de separar o “fazedor” da “ação” é um erro semelhante à separação do relâmpago do seu flash. Nosso erro é supor que há um indivíduo autônomo por trás de nossas ações, a elas relacionados como causa de efeitos, que poderiam servir como um objeto apropriado de elogios e críticas. Acampora sustenta que, embora Nietzsche negue que somos causalmente responsáveis por nossas ações, ele não quer prejudicar o nosso sentido de responsabilidade completamente. Baseando-se em uma observação em *Assim Falou Zaratustra*, parte II, “Sobre o virtuoso”, ela propõe repensar a relação das mães com os filhos. Segundo ela, as mães e os seus filhos não estão relacionados através das intenções da mãe. Para os filhos, elas possuem esperanças, mas não as intenções – têm desejo, querendo algo para a criança, e isso pode ter sucesso ou falhar, a criança pode se sair bem ou não (p. 145).

Considerando que a responsabilidade causal (particularmente para efeitos de prestação de contas e da atribuição de elogios e críticas) olha para trás, para o passado, o senso de responsabilidade da mãe com o seu filho é quase totalmente orientado para o futuro... Em outras palavras, o permanente sentido de responsabilidade que uma mãe tem por um filho não decorre do fato da contribuição do material genético e do parto ou no fornecimento de condições materiais e culturais que nutre ou sustenta a criança, mas a

partir de uma forma de amor (e terror) que é dado na forma e na promessa para o futuro dessa criança e na sua independência definitiva (pp. 147-48).

A sugestão é que se cultivarmos tal atitude para com nossos próprios atos, podemos afrouxar o aperto da moral cristã e seu agonismo destrutivo e abraçar os modos mais afirmativos de autocompreensão e autoavaliação.

O quinto e último capítulo trata sobre a contestação que Nietzsche faz de Wagner. É uma tentativa de dar mais conteúdo a esta concepção do organismo através de uma análise do “tornar-se o que se é” (no posfácio do livro, Acampora fornece uma avaliação útil das principais reivindicações da obra). A autora contrasta a autoapresentação de Nietzsche em *Ecce Homo* com o retrato de Wagner em seu ensaio sobre Richard Wagner em Bayreuth, no qual havia descrito as lutas heroicas do compositor de forma a combinar com suas aspirações titânicas. Ela argumenta que Nietzsche, em obras mais tardias, rejeita este modelo em favor de um ideal completamente diferente da autocriação. Em *Ecce Homo*, “Por que sou tão inteligente”, ele escreve que é necessário ser “egoísta” (*Selbstsucht*) para tornar-se o que se é, um instinto para a escolha de condições – “nutrição, lugar, clima, recreação” – que permitirá que uma de suas unidades mais fortes possa encontrar a sua expressão plena.

Segundo Acampora, Nietzsche oferece este ideal de egoísmo, ou “autopreservação” (*Selbsterhaltung*), como uma “decisão pensada” para substituir o ideal cristão de abnegação (p. 165). Um dos objetivos do seu capítulo final é construir um caminho entre as leituras “fatalistas” e “autocriacionistas” feitas a partir de Nietzsche. Enquanto a autora concorda com a leitura fatalista de Nietzsche que considera nossas ações como resultadas da interação de impulsos inconscientes, Acampora acha que há espaço para o ser influenciar a forma como essas unidades são ordenadas e interagir. Uma das maneiras mais importantes para que possamos cuidar de nós mesmos é através da escolha dos participantes certos. No caso de Nietzsche, foram suas lutas com Wagner que lhe permitiram tornar-se o que ele era.

O relato de Acampora da autocriação é sugestivo, mas eu duvido que a leitura fatalista possa ser tão facilmente evitada. “Tornar-se o que você é”, Nietzsche escreve em *Ecce Homo* “pressupõe que você não tem a menor ideia do que você é”. Acampora leva isto para dizer que tornar-se o que somos “não é uma questão de nós termos um plano definido, uma noção fixa de que nos tornaremos ou mesmo vontade suficiente para provocar um alinhamento entre as nossas ambições e nossas ações” (p. 192). No

entanto, podemos ajudar a garantir que o nosso potencial humano não é desperdiçado por cuidar de nós mesmos de uma maneira que vai organizar nossos poderes criativos. Contudo, o ponto de Nietzsche parece-me muito mais radical e desconcertante. Pois mesmo se pudéssemos reconhecer nosso potencial único, ainda não teríamos nenhuma ideia de que condições ou escolhas poderiam levar à sua realização. No que diz respeito ao seu próprio caso, Nietzsche insiste que ele tinha que estar enganado sobre si mesmo e sua verdadeira tarefa. Assim, ele atribui sua maior conquista, a reavaliação de valores, ao “trabalho secreto e arte de meu instinto”. Ficamos com uma imagem do ser em que reflexão e deliberação não fazem diferença positiva para as nossas vidas se saírem bem. Nem por implicação, nem lendo e refletindo sobre livros de Nietzsche.

Recebido em: 30/11/2014 – *Received in: 11/30/2014*

Aprovado em: 06/04/2015 – *Approved in: 06/04/2015*